LIBER PRIMUS

Caput I: De Origine artium

Omnium expetendorum prima est sapientia, in qua perfecti boni forma consistit.

Sapientia illuminat hominem ut seipsum agnoscat, qui ceteris similis fuit cum se prae ceteris factum esse non intellexit.

Immortalis quippe animus sapientia illustratus respicit principium suum et quam sit indecorum agnoscit, ut extra se quidquam quaerat, cui quod ipse est, satis esse poterat. Scriptum legitur in tripode Apollinis: "gnoti seauton"[2], id est, "cognosce te ipsum", quia nimirum homo si non originis suae immemor esset, omne quod mutabilitati obnoxium est, quam sit nihil, agnosceret.

Probata apud philosophos sententia animam ex cunctis naturae partibus asserit esse compactam. Et *Timaeus* Platonis ex dividua et individua mixtaque substantia, itemque eadem et diversa, et ex utroque commixta natura, quo universitas designatur, entelechiam formavit.

2. Xenofonte, *Memorabilia* 4,2,24.

LIVRO I

CAPÍTULO 1: Da origem das artes

De todas as coisas a serem buscadas, a primeira é a *Sapiência*, na qual reside a forma do bem perfeito[1].

A *Sapiência* ilumina o homem para que conheça a si mesmo, ele que, quando não sabe que foi feito acima das outras coisas, acaba achando-se semelhante a qualquer outra coisa[2].

A mente imortal do homem, iluminada pela *Sapiência*, se volta para o seu princípio, e percebe quanto é inconveniente ao homem procurar coisas fora de si, uma vez que poderia ser-lhe suficiente aquilo que ele próprio é. Lê-se, escrito na trípode de Apolo: *gnoti seauton*, ou seja, "conhece-te a ti mesmo". De fato, o homem que não esqueceu a sua origem sabe que é nada tudo aquilo que é sujeito à mutabilidade[3].

Uma convicção aceita entre os filósofos afirma que a alma é formada de todas as partes da natureza. E o *Timeu* de Platão diz que a *enteléquia* é formada de uma substância divisível, indivisível e uma mistura das duas, e de uma natureza idêntica e diversa e uma mistura das duas. E a tudo isso ele deu o nome de universo[4].

1. Esta *Sapiência*, da qual Hugo fala, é a Mente Divina, na qual o mundo e o homem foram pensados como numa forma, num molde, num arquétipo. A *Sapiência* não é algo, é Alguém. É a Segunda Pessoa da Trindade, o Logos e Pensamento de Deus. E é a forma perfeita de Deus bom como, pela criação, a forma boa do mundo e do homem. Nesta tradução, o termo latino *Sapientia* será traduzido por *Sapiência*, em itálico, toda vez que Hugo de São Vitor se refere à Mente de Deus, o Verbo, ao Pensamento Divino. O termo *sabedoria* não traduziria tal significado de *Sapientia* (cf. IV, 8).
2. Esta "iluminação", por parte da *Sapiência*, é um conceito fundamental na filosofia cristã para explicar o conhecimento e o autoconhecimento.
3. O autoconhecimento do homem se dá olhando dentro de si os traços da *Sapiência*, que é origem e princípio do homem. Não é fora de si, mas dentro de si que o homem se autoconhece. É mutável no homem a sua materialidade. É imutável, nele, a sua substância divina.
4. Em Platão o universo (enteléquia) é formado pela alma do mundo, elemento inteligível (o mesmo, indivisível) e pela matéria (o diverso, divisível). O Demiurgo, que é o Deus organizador do universo, não criador, empasta a matéria valendo-se das formas inteligíveis.

Ipsa namque "et initia et quae initia consequuntur"[3] capit, quia et invisibiles per intelligentiam rerum causas comprehendit, et visibiles actualium formas per sensuum passiones colligit, "sectaque in orbes geminos motum glomerat"[4], quia sive per sensus ad sensibilia exeat sive per intelligentiam ad invisibilia ascendat, ad seipsam rerum similitudines trahens regyrat, et hoc est quod cadem mens, quae universorum capax est, ex omni substantia atque natura, quo similitudinis repraesentet figuram, coaptatur.

Pythagoricum namque dogma erat similia similibus comprehendi, ut scilicet anima rationalis nisi ex omnibus composita foret, nullatenus omnia comprehendere posset, secundum quod dicit quidam:

> *"Terram terreno comprehendimus, aethera flammis,*
> *Humorem liquido, nostro spirabile flatu"*[5].

Nec tamen existimare debemus viros in omni rerum natura peritissimos hoc de simplici essentia sensisse, quod ulla se partium quantitate distenderet, sed, ut apertius mirabilem eius demonstrarent potentiam, dicebant ex omnibus naturis constare, "non secundum compositionem sed secundum compositionis rationem"[6].

Neque enim haec rerum omnium similitudo aliunde aut extrinsecus animae advenire credenda est, sed ipsa potius eam in se et ex se nativa quadam potentia et propria virtute capit. Nam sicut Varro in *Periphysion* dicit: "Non omnis varietas extrinsecus rebus accidit,

3. Calcidius, *Timaeus a Calcidio translatus commentarioque instructus* 52.
4. Boethius, *Anicii Manlii Boethii Philosophiae Consolatio* 3, m9.
5. Calcidius, *op. cit.*, 51.
6. Calcidius, *op. cit.*, 228.

A alma, com efeito, conhece os elementos e as coisas que derivam dos elementos, pois pela inteligência compreende as causas invisíveis das coisas, e pelas impressões dos sentidos recolhe as formas visíveis das coisas corpóreas. "Dividida, ela reúne o seu movimento em dois círculos", pois, seja que pelos sentidos ela se volte para as coisas sensíveis, seja que pela inteligência ascenda às coisas invisíveis, ela circula trazendo para si as semelhanças das coisas. Isto quer dizer que esta mente, que é capaz de captar todas as coisas, é formada de cada substância e natureza, para que possa representar em si a imagem das coisas semelhantes a ela[5].

Era uma afirmação pitagórica a de que os semelhantes são compreendidos pelos semelhantes, de maneira que, se a alma racional não fosse composta de todas as coisas, de modo algum ela poderia compreender todas as coisas. Neste sentido, alguém disse:

> *"Compreendemos a terra através das coisas terrenas,*
> *o fogo através daquilo que queima,*
> *o molhado através do líquido,*
> *aquilo que sopra através do nosso respiro".*

De modo algum, todavia, devemos pensar que os homens versados na natureza de cada coisa achassem que uma essência simples possa consistir de uma quantidade de partes. Para melhor evidenciar a potência da alma, eles esclareciam que ela era formada de todas as coisas "não segundo uma composição real, mas segundo uma composição virtual"[6].

Nem devemos crer que esta semelhança com todas as coisas venha à alma de outro lugar ou de fora, pois ela mesma possui esta semelhança por si e de dentro de si em força de uma certa qual potência nativa e de sua própria capacidade. De fato, como diz Varro no *Perifíseos*: "nem todas as mudanças ocorrem às coi-

5. Aqui Hugo estabelece um paralelo entre a alma do mundo platônica e a alma do homem na filosofia cristã. Esta alma conhece através do conhecimento sensível dos sentidos e do conhecimento inteligível da mente, em dois movimentos indicados como círculos circunscritos, cujo ponto de partida e chegada é a alma. Esta alma é um microcosmo, possuindo dentro de si "todas as coisas". De fato, as coisas e a alma têm, ambas, semelhanças com a *Sapiência*. Se B e C são semelhantes a A, B e C são semelhantes entre si. Por isso a alma é capaz de reconhecer e trazer para dentro de si, mediante o conhecimento, as semelhanças ou imagens de todas as coisas. Ela pode conhecer tudo.
6. A alma, sendo espiritual, é simples, não composta, não divisível como a matéria. A totalidade das coisas está dentro da alma virtualmente, não realmente.

ut necesse sit quidquid variatur, aut amittere aliquid quod habuit, aut aliquid aliud et diversum extrinsecus quod non habuit assumere". Videmus cum paries extrinsecus adveniente forma imaginis cuiuslibet similitudinem accipit. Cum vero impressor metallo figuram imprimit, ipsum quidem non extrinsecus, sed ex propria virtute et naturali habilitate aliud iam aliquid repraesentare incipit. Sic nimirum mens, rerum omnium similitudine insignita, omnia esse dicitur, atque ex omnibus compositionem suscipere, non integraliter, sed virtualiter atque potentialiter continere, et haec est illa naturae nostrae dignitas quam omnes aeque naturaliter habent, sed non omnes aeque noverunt. Animus enim, corporeis passionibus consopitus et per sensibiles formas extra semetipsum abductus, oblitus est quid fuerit, et, quia nil aliud fuisse se meminit, nil praeter quod videtur esse credit.

Reparamur autem per doctrinam, ut nostram agnoscamus naturam, et ut discamus extra non quaerere quod in nobis possumus invenire. "Summum igitur in vita solamen"[7] est studium sapientiae, quam qui invenit felix est, et qui possidet beatus.

Caput II: Quod studium sapientiae philosophia sit

"Primus omnium Pythagoras studium sapientiae philosophiam nuncupavit"[8], maluitque philosophos dici, nam antea sophos, id est, sapientes dicebantur.

7. Boethius, *op. cit.*, 3,1,2.

8. Boethius, *De institutione musica* 2,2.

sas a partir do exterior, como se fosse necessário que uma coisa só mude quando perdeu algo que possuía ou receba de fora alguma outra coisa que não tinha", como acontece, por exemplo, quando uma parede recebe a cópia de alguma imagem mediante uma forma que vem de fora. Mas, quando um impressor imprime uma figura no metal quente, este começa a representar uma outra coisa, não em virtude de algo que vem de fora, mas por sua própria força e capacidade natural. E assim se diz que a mente, cunhada com a semelhança de todas as coisas, é num certo sentido todas as coisas e é composta de todas as coisas, não em sentido efetivo, mas virtual e potencial[7]. E esta é a dignidade da nossa natureza, que todos têm igualmente, mas nem todos conhecem na mesma medida. O espírito, de fato, quando é adormecido sob o efeito das paixões corporais e arrastado para fora de si por obra das formas sensíveis, esquece o que ele foi, e, não lembrando de ter sido outra coisa, se acha como sendo apenas aquilo que ele parece ser[8].

Somos reerguidos pelo estudo, para que conheçamos a nossa natureza e aprendamos a não procurar fora de nós aquilo que podemos encontrar dentro de nós. A procura da *Sapiência* é, com efeito, "um grande conforto na vida". Quem a encontra é feliz, e quem a possui é beato.

CAPÍTULO 2: A filosofia é a procura da *Sapiência*

"Primeiro, entre todos, Pitágoras deu à procura da sabedoria o nome de filosofia", e ele preferiu ser chamado "filósofo", enquanto antes se falava simplesmente de *sóphoi*, ou seja, sábios.

7. Hugo acaba de dizer que a alma humana e a sua faculdade intelectiva ou mente possui dentro de si, por sua própria natureza e substância, não vinda ou acrescida de fora, a semelhança com todas as coisas e com a *Sapiência*, fato que permite o conhecimento. No capítulo 7 Hugo dirá que o homem é "cognatus" da natureza divina, isto é, cum-natus, com-nascido, cunhado. O conhecimento humano, no fundo, como é explicado no capítulo 2, é um movimento cognitivo inserido dentro do conhecimento maior que Deus tem de si mesmo!

8. A dignidade da natureza humana, constituída pela semelhança com a *Sapiência*, é corrompida pela ação das paixões, que arrastam o espírito em direção às coisas, afastando-o da *Sapiência*. A seguir, Hugo afirma a finalidade da leitura e do estudo: pela leitura e pelo estudo, que levam ao conhecimento ou "doutrina", o homem reconstitui dentro de si a semelhança com a *Sapiência*, como dirá também no capítulo 8. Este tema da corrupção e restauração da natureza humana é um tema fundamental do livro.